

---

## Direito à cidade: formas de apropriação de espaços públicos por senegaleses em São Paulo

*The right to the city: forms of appropriation of public spaces by Senegalese in São Paulo*

**Wendy Villalobos**

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7328>

DOI: 10.4000/pontourbe.7328

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Refêrencia eletrónica**

Wendy Villalobos, « Direito à cidade: formas de apropriação de espaços públicos por senegaleses em São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7328> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7328>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Direito à cidade: formas de apropriação de espaços públicos por senegaleses em São Paulo

*The right to the city: forms of appropriation of public spaces by Senegalese in  
São Paulo*

**Wendy Villalobos**

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 01/09/2018

Aceitação / Accepted 10/01/2019

- 1 Caminhar pelas ruas do centro de São Paulo pode ser um convite para uma experiência antropológica, na qual encontros multiculturais se vislumbram a cada passo. Nas ruas e edifícios, diferentes feições o tempo inteiro reafirmam como a diversidade está presente: alguns passos e cruço com bolivianos. Ou seriam peruanos? Outros mais e deixo para trás coreanos. Ou seriam chineses? Viro uma esquina e avisto uma família cujos membros trajam as vestimentas tradicionais judaicas.
- 2 Não é novidade que grandes metrópoles, como São Paulo, de modo geral, tornam-se destino de imigrantes e refugiados, que buscam melhores condições de vida ou mesmo novos começos. A novidade está nas significativas mudanças que o panorama das migrações no Brasil teve nos últimos anos, não apenas em quantidade, mas também em diversidade: a migração sul-americana, que ainda é majoritária, passou a dividir espaço com caribenhos (especialmente haitianos) e africanos, que têm São Paulo como seu principal destino no país (MAMED, 2016, p. 3).
- 3 É desse modo que na calçada de meu edifício, localizado no bairro da Luz, centro de São Paulo, começo a perceber a presença dessa migração mais recente: cinco pessoas que trabalham como ambulantes, cujas feições, palavras e sotaques revelam uma origem do

continente africano. De quais países teriam vindo? Atravesso a rua e adentro o estacionamento: num canto um homem negro estende um tapetinho, retira os sapatos, se ajoelha e faz suas orações num idioma que não compreendo. Dois rapazes passam de bicicleta, numa conversa animada; pelos uniformes percebo que são entregadores, pelo sotaque, suponho que haitianos. Alguns quarteirões adiante, no Largo do Paiçandu, encontro diversas pessoas com vestimentas feitas de tecidos com formas geométricas e cores contrastantes, roupas que de modo leigo geralmente identificamos como de origem africana<sup>1</sup>. Não há dúvidas: a migração faz parte do passado, mas também do presente e futuro da cidade, que continuamente recebe pessoas de diversas partes do mundo como seus cidadãos.

- 4 David Harvey (2014, p. 22), entretanto, destaca que, para que a cidadania seja colocada em prática de modo pleno, pressupõe mais do que a residência: requer também direitos garantidos e relações de troca mútuas com as pessoas e a cidade. Se os direitos básicos mais urgentes à sobrevivência são foco constante de pesquisa e luta para os movimentos sociais, outros direitos, como o direito à cidade, muitas vezes acabam esquecidos ou pouco considerados. Esse último, concebido por Henri Lefebvre (2011 [1967]) e atualizado por Harvey (2014, p. 11), mais do que um acesso aos recursos que a cidade incorpora, remete à possibilidade de criar e recriar coletivamente novos projetos de cidade, com uma vida urbana mais significativa e divertida, conflitante e dialética.
- 5 Como um significante vazio, que depende de quem vai lhe conferir significado, é possível partir do princípio de que, com base no multiculturalismo, a ressignificação das cidades pode proporcionar aos imigrantes uma efetiva experiência de cidadania e a sensação de pertencimento numa identidade plural – ou seja, a compreensão de que “sou de lá, mas também posso ser daqui ou do mundo”. É nesse contexto que este ensaio, produzido a partir da referência à observação etnográfica, aborda um dos aspectos do direito à cidade: formas de apropriação de espaços públicos do centro de São Paulo, entendidos aqui como ruas, praças e parques, locais de trocas, encontros e vivências múltiplas – por imigrantes, mais especificamente pelos senegaleses, nacionalidade que nos últimos anos ampliou significativamente sua presença e solicitação de refúgio no Brasil<sup>2</sup>.
- 6 Se a cidade, como Colette Pétonnet (2008 [1982], p. 99) destaca, é o lugar de todas as misturas, o que há para ser revelado no encontro de seus diferentes espaços, mobiliários e corpos? A utilização, em seu trabalho de pesquisa no cemitério Père-Lachaise em Paris, do método de *observação flutuante*, também foi a escolha para este ensaio: perder-se para encontrar-se, permanecer disponível, com uma atenção que em vez de se fixar sobre um objeto preciso, flutua, de modo que, sem filtros prévios, ao observar a cidade, possam ser captadas convergências e regras subjacentes. Foi desse modo que os senegaleses assumiram a dianteira deste ensaio, não como algo planejado, mas como um interessante encontro surgido nas ruas da cidade, como veremos adiante.
- 7 Embora muitos senegaleses entrem no país mediante solicitação de refúgio<sup>3</sup>, de modo geral não são reconhecidos como refugiados, pois não se enquadram nesse tipo de definição: pessoas que estão fora de seu país de origem devido a temores fundados de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados<sup>4</sup>. Mas se uma guerra explícita não é uma realidade no Senegal, a pobreza é uma constante: o país é um dos

mais pobres do mundo e está entre os 30 com pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>5</sup> (UNITED Nations Development Programme, 2018). A imigração para outros países, entre eles o Brasil, é a concretização da busca de uma vida melhor (UEBEL, 2015, p. 59). No Brasil, São Paulo continua como o principal destino da maior parte dos imigrantes. O banco de dados da Missão Paz, instituição filantrópica de apoio e acolhimento a imigrantes e refugiados na capital, referente aos anos de 2015 e 2016, oferece um panorama referente à composição dos imigrantes senegaleses na cidade: o grupo é composto majoritariamente por homens, entre 20 e 35 anos, sendo que cerca de 30% possui ensino superior completo, principalmente em Engenharia, Direito e Administração (SILVA, 2018, p. 146).

- 8 Se existe aqui uma possibilidade de obtenção de ganhos maiores do que conseguiriam no Senegal, muitas vezes até com o envio de dinheiro aos parentes que lá ficaram (idem, ibidem), não há, porém, como negar que na correlação de forças das cidades, os imigrantes e refugiados encontram-se numa situação de grande insegurança e vulnerabilidade em relação aos nacionais (BAUMAN, 2017, p. 92). O desconhecimento de costumes e práticas legais, as barreiras culturais e de linguagem e os preconceitos de raça e classe são alguns dos aspectos que fazem com que fiquem à mercê de opressões e violências (LUSSI E MARINUCCI, 2007, p. 7). Ademais, a massa de “estranhos à nossa porta”<sup>6</sup> provoca o medo do grande desconhecido, um lembrete de que a miséria humana está mais próxima do que imaginamos e que “a qualquer descuido”, pode também nos alcançar (BAUMAN, 2017, p. 104).
- 9 A crescente polarização na distribuição de riqueza e poder – concentrados nas mãos de uma pequena elite política e econômica – reforça ainda mais uma cidade para poucos: muros, condomínios fechados, grades, policiamentos e câmeras ocupam não apenas o espaço privado, mas também o público, alijando ainda mais os que já são excluídos (HARVEY, 2014, p. 134), dentre estes, muitos imigrantes. Ainda assim, como Harvey (idem, p. 22) destaca, ao citar Lefebvre, “há no urbano uma multiplicidade de práticas prestes a transbordar de possibilidades alternativas”.
- 10 A escrita deste ensaio teve início durante a Copa do Mundo de 2018 na Rússia. Na terça-feira, 19 de junho, ocorreu o jogo Polônia vs. Senegal. Eis que caminhando pelo centro de São Paulo, por volta das 14h, ao observar as diferentes pessoas em seu dia a dia, vi ao longe uma grande movimentação. Cerca de uma centena de pessoas vinha pelo meio da rua, cantando, dançando e tocando instrumentos numa grande animação, celebrando a vitória do Senegal por 2 a 1. Eram em sua maioria homens, além de quatro ou cinco mulheres, numa festa, na qual podiam ser escutados os gritos de “*Allez Senegal!*” (“Vai Senegal!”, em francês). Foi desse modo que os senegaleses assumiram o foco neste ensaio. Como algo não planejado, a *observação flutuante* proporcionou esse encontro no qual deparei com uma forma de ocupação do espaço público.
- 11 Muitos vestiam a camisa da seleção senegalesa; uma grande bandeira – nas cores verde, amarelo e vermelho – vinha à frente do grupo. Nas mãos, alguns traziam instrumentos de sopro e percussão; outros o celular, com o qual tentavam registrar um pouco desse momento feliz. Eram todos negros, em sua maioria jovens, talvez entre 18 e 40 anos. Os brasileiros que caminhavam por ali olhavam com curiosidade e sorrisos, alguns filmavam a celebração. Parte dos que estavam em carros não demonstrava grande paciência e buzinaava, já que o tráfego tinha sido interrompido pela passagem do grupo. No entanto, como eu, alguns pedestres deixaram-se contagiar e passaram a acompanhar o grupo, que exalava alegria. Encontrei-os na Rua Conselheiro Nébias e

segui com eles até a Praça da República, embora a celebração tenha prosseguido. Por onde passavam, ainda que temporariamente, as ruas tornavam-se um espaço de socialização popular, de diversão, superando seu uso estrito pelos automóveis.



Celebração da vitória sobre a Polónia.

Foto: Wendy Villalobos.

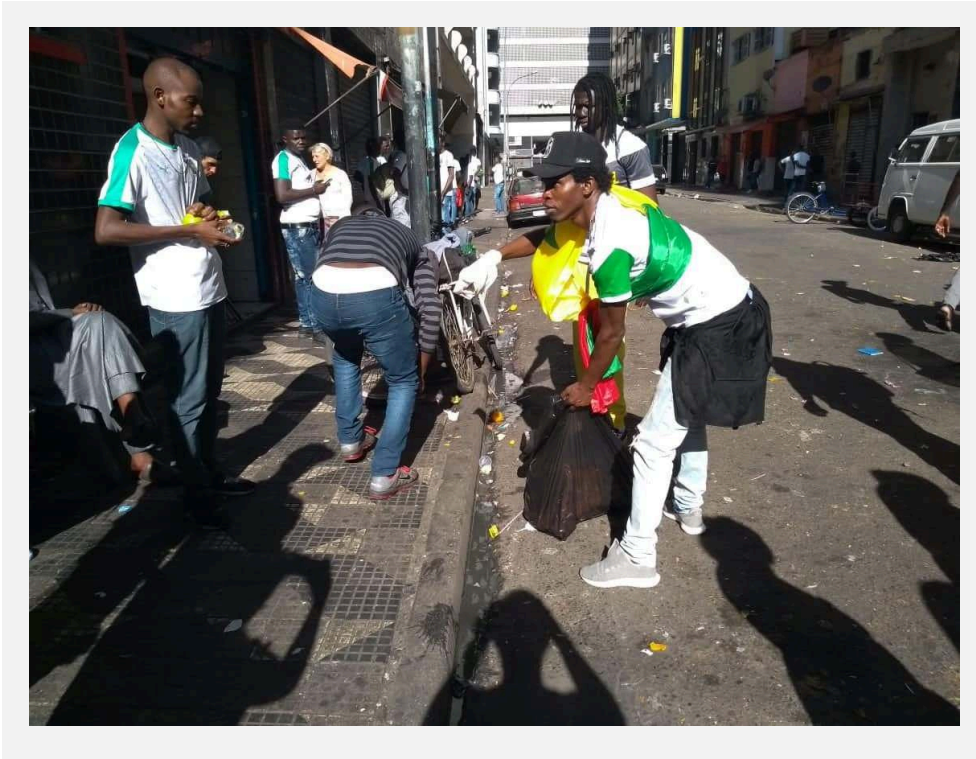
- 12 Em 24 de junho, domingo, ocorreu a partir das 12h a segunda partida de Senegal na Copa, então contra o Japão. Dessa vez antecipei-me e descobri, em conversa com Cherry, um senegalês que possui uma loja no Centro, o local onde seus compatriotas assistiriam à partida: a AJ Club<sup>7</sup>, casa noturna e espaço para baladas e *shows* na Rua Vitória, centro de São Paulo. Cheguei com o jogo já iniciado, algumas pessoas nas calçadas, inclusive mulheres e crianças. Alguns jornalistas entrevistavam os presentes, entre eles um senegalês e sua esposa, uma brasileira, que carregava um bebê no colo, filho de ambos.
- 13 Dentro do espaço, uma multidão, concentrada, acompanhava por dois telões cada lance da partida. Vibraram e cantaram em cada um dos dois gols de Senegal e mostraram decepção com cada um dos dois gols do Japão. O empate, entretanto, não foi suficiente para ofuscar a alegria. Ao final da partida, ocuparam as ruas, a exemplo do jogo anterior, com música e danças. Dessa vez o grupo era um pouco menor, mas mais brasileiros acompanhavam a festa e mais mulheres senegalesas e crianças participavam. O grupo, que ocupava o meio das vias, seguiu até a Rua Guaianases e ali formou uma roda, onde pessoas ao redor tocavam instrumentos e homens e mulheres entravam para dançar.



Celebração do empate com o Japão.

Foto: Wendy Villalobos.

- 14 Em certo momento, um senhor brasileiro, vendedor de frutas, que passava perto com um carrinho cheio destas, foi surpreendido: alguns senegaleses aproximaram-se e começaram a pegar suas frutas e jogá-las em direção à roda de música e dança, proporcionando uma “chuva” de mexericas, laranjas e até mesmo de cachos de bananas, frutas que logo eram agarradas e comidas pelos participantes. O senhor, assustado, tentou afastar-se da aglomeração, provavelmente acreditando que ficaria com o prejuízo. Em pouco tempo, contudo, cerca de quatro senegaleses aproximaram-se, retiraram bolos de dinheiro dos bolsos e pagaram cerca de R\$400,00 ao proprietário, que comemorou e jogou para a roda as últimas frutas que haviam sobrado no carrinho. Ao final da festa, que durou cerca de 40 minutos, havia cascas e restos de frutas pelo chão. Um dos senegaleses pegou um saco de lixo e começou a recolher a sujeira. Logo outros começaram a auxiliá-lo, e em poucos minutos a limpeza estava feita e a festa terminava.



Depois da festa, a limpeza da rua.

Foto: Wendy Villalobos.

- 15 Segundo alguns senegaleses com quem conversei durante as celebrações, boa parte dos compatriotas que moram em São Paulo vive em condições precárias: alguns em ocupações de moradia ou quartos alugados; muitos trabalham como ambulantes no Centro e fazem do espaço público o local de trabalho. Ao redor da Praça da República estão alguns desses vendedores, em barracas com produtos identificados como de origem africana: tecidos, roupas, adornos (como tiaras, brincos, faixas e turbantes). Uma delas apresentou-se como “Mama”, dizendo ser conhecida assim por todos. Enquanto conversava com ela, diversas pessoas que passavam a cumprimentaram em francês – “*Ça va bien?*” (“Tudo bem?”), ao o que ela respondia: “*Ça va!*” (“Tudo bem!”). Ela comentou sobre aspectos cotidianos da vida na cidade, como a ida dos senegaleses à mesquita (a maior parte da população do país é muçulmana) e sobre um encontro religioso realizado às segundas-feiras, das 19h às 21h30, a poucos metros dali.

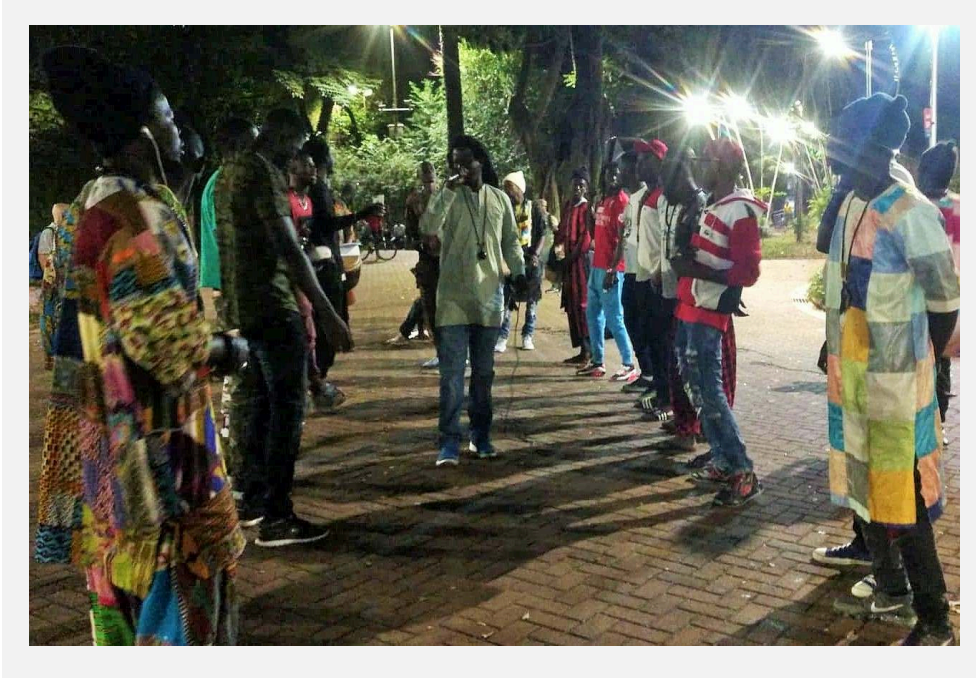


Senegalesa vendedora nas imediações da Praça da República.

Foto: Wendy Villalobos.

- 16 Foi assim que no dia 26 de junho, segunda-feira, dirigi-me à praça. Perto do coreto, um pequeno grupo de senegaleses havia se instalado com duas caixas de som sobre pedestais e um microfone (toda a estrutura ligada num gerador). Eles dividiam o espaço com pessoas em situação de rua; algumas claramente alteradas, possivelmente pelo uso de substâncias psicotrópicas. Aos poucos outros senegaleses chegaram e posicionaram-se em duas fileiras, uma de frente para a outra, formando um corredor no meio, percorrido de um lado a outro por um homem que entoava cânticos no microfone, enquanto outros batucavam e cantavam. Um deles carregava um pote, e em determinado momento passou para recolher contribuições em dinheiro de todos, participantes e pessoas que assistiam.
- 17 Tais fileiras transformaram-se numa roda, com o cantor no centro. Essa roda fazia o coro e um grupo dançava ao redor. Algumas pessoas que assistiam se animaram com os batuques e também passaram a dançar: um senhor em situação de rua fez passos de capoeira e outro, passos de samba. No final da cerimônia, já somavam cerca de 40 participantes senegaleses, todos homens, mas em conversa com alguns presentes soube que em outros encontros também havia mulheres. Um dos senegaleses ofereceu café – estavam em dois garrafões térmicos –, e um tempo depois outro passou com uma sacola, recolhendo os copos plásticos já vazios.





Cerimônia religiosa na Praça da República.

Foto: Wendy Villalobos.

- 18 Dia 28 de junho, às 11h, teve início uma partida decisiva na Copa: Senegal vs. Colômbia, classificatória para as oitavas de final. Novamente fui ao clube onde os senegaleses se encontram para assistir aos jogos. Mas nessa ocasião deparei-me com um clima tenso. Senegal perdeu de 1 a 0 e viu desmoronar o sonho de representar a África nas oitavas. Ao final do jogo, não houve danças ou música. Aos poucos todos foram embora, enquanto uns poucos ficaram para entrevistas nas calçadas aos jornalistas presentes.
- 19 É possível perceber alguns aspectos que se repetem nas diferentes formas de apropriação dos espaços públicos, especialmente as manifestações de alegria por meio de música e dança. Também é possível observar uma significativa diferença numérica entre a presença masculina e feminina nesses espaços. Uma hipótese para a pequena participação de mulheres, ainda que não possa ser confirmada, relaciona-se a uma característica bastante presente nas migrações contemporâneas: de modo geral os homens migram primeiro, à busca de uma inserção inicial no novo país, para que somente então as mulheres também migrem (KLEIDERMACHER, 2013, p. 120). Essa também pode ser a explicação para a ausência de pessoas mais velhas em todos os locais observados: geralmente os mais jovens são os enviados pelas famílias a outros países. Sua força de trabalho possibilitaria maiores rendimentos, de modo a auxiliar os parentes que ficam no país de origem (idem, p. 114).
- 20 Ao subverter as hierarquias da cidade, nas diferentes formas de apropriação dos espaços públicos, os senegaleses não “pedem autorização” a órgãos públicos. Ocupam ruas, calçadas e praça, seja para celebrar gols, seja para expressar suas culturas ou mesmo conseguir seu “ganha pão”. Se com isso param temporariamente o trânsito ou ocupam espaço de circulação em calçadas, por outro lado demonstram um cuidado com os espaços públicos, como as já mencionadas coleta do lixo<sup>8</sup>.
- 21 Para Harvey (2014, p. 14), o capitalismo em sua desenfreada necessidade de acumulação de capital, capaz de financiar uma interminável e desordenada expansão do

crescimento urbano, tem gerado uma experiência urbana bárbara e repressiva. Defende, portanto, a necessidade de superação desse modo de produção e entende a reivindicação do direito à cidade como um passo intermediário rumo a esse objetivo, ainda que não deva tornar-se um fim em si mesmo. Seria inocente, entretanto, acreditar que uma parte significativa das pessoas possui um projeto consciente de superação do capitalismo. Mas é possível supor que, vivendo nas cidades – e por vezes alheias a tais debates –, as pessoas, de todos os tipos e classes, sigam procurando significados para sua vida cotidiana e produzindo, ainda que conflituosamente, diferentes formas de sociabilidade e práticas urbanas (idem, p. 22).

- 22 Os senegaleses, em sua ocupação dos espaços públicos, parecem reforçar o que Harvey (idem, p. 144) diz: “a luta para apropriar os espaços e bens públicos urbanos tendo em vista um objetivo comum está em curso”. E talvez aqui possamos agregar: veio para ficar.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. 2017. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar.
- COMITÊ Nacional para os Refugiados. 2017. Refúgio em números. Disponível em: <[www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros\\_1104.pdf/view](http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros_1104.pdf/view)>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- CONVENÇÃO Relativa ao Estatuto dos Refugiados. 1951. Disponível em: <[www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2019.
- DINIZ, Pedro. 2016. “Imigrantes africanos nas ruas de SP revelam diversidade de estilos”. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://saopaulosao.com.br/nossas-pessoas/1401-imigrantes-africanos-nas-ruas-de-sp-revelam-diversidade-de-estilos.html>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- HARVEY, David. 2014. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes.
- KLEIDERMACHER, Gisele. 2013. “Entre confradías y venta ambulante: una caracterización de la inmigración senegalesa en Buenos Aires”. *Cuadernos de Antropología Social*, n. 38, p. 109-130.
- LACERDA, Bernardo. 2018. “Não é coisa só do Japão: Senegaleses limpam estádio após vitória na Copa”. *O Tempo*. Disponível em: <[www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/não-é-coisa-só-do-japão-senegaleses-limpam-estádio-apos-vitoria-na-copa-1.1858592](http://www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/não-é-coisa-só-do-japão-senegaleses-limpam-estádio-apos-vitoria-na-copa-1.1858592)>. Acesso em: 4 jan. 2019.
- LEFEBVRE, Henri. 2011 [1967]. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.
- LUSSI, Carmem e MARINUCCI, Roberto. 2007. *Vulnerabilidade social em contexto migratório*. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Disponível em: <[www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/vulnerabilidades\\_dos\\_migrantes.pdf](http://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2018/08/vulnerabilidades_dos_migrantes.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- MAMED, Letícia Helena. 2016. “Imigração caribenha e africana pela fronteira trinacional Peru-Bolívia-Brasil: características, especificidades e repercussão social”. In: *Seminário Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas*, 2016, São Paulo. Campinas: Nepo, p. 1-30.

PÉTONNET, Colette. 2008 [1982]. “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense”. *Antropolítica*. Niterói, n. 25, p. 99-111.

SILVA, Allan Rodrigo de Campos. 2018. *Imigrantes africanos solicitantes de refúgio no Brasil: cooperação para o desenvolvimento e humanitarismo no Atlântico Sul*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

UEBEL, Roberto. 2015. *Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o RS no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFRGS, Rio Grande do Sul.

UNITED Nations Development Programme. 2018. 2018 Statistical Update. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/2018-update>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

WALDMAN, Tatiana. 2016. *Nem clandestinos, nem ilegais: construindo contornos para uma definição da condição migratória não documentada no Brasil*. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

## NOTAS

1. Ainda que muitas vezes seja criada uma imagem generalizada do que seria a “vestimenta africana”, o continente em questão possui uma grande diversidade de vestimentas como marcas identitárias de seus diferentes grupos. As roupas mais comumente encontradas à venda em São Paulo são quase todas estampadas com a técnica *batique*, que consiste num tecido de algodão pintado manualmente com uma camada de cera (DINIZ, 2016). Por meio da observação etnográfica, foi possível notar que os diferentes tecidos utilizados por muitos imigrantes africanos em São Paulo de modo geral possuem em comum os seguintes aspectos: repetição de estampas geométricas, geralmente abstratas; mistura de cores, menos de cinco e estampas contrastantes, em geral com cores primárias.
2. Segundo o informe do Comitê Nacional para os Refugiados, *Refúgio em números* (2017), os senegaleses, com 13%, ocupam o terceiro lugar entre as principais nacionalidades das solicitações de refúgio em trâmite no Brasil, logo após venezuelanos (33%) e haitianos (14%).
3. Essa forma de entrada possibilita a obtenção de um documento provisório; até a solicitação ser decidida o imigrante mantém uma situação migratória regular. Como solicitante, o imigrante possui também o direito a documentos como CPF e Carteira de Trabalho. Cabe ressaltar que a situação oposta, a entrada no país de modo indocumentado, inevitavelmente significa uma exposição dos migrantes a situações de desrespeito e exploração no mercado de trabalho, assim como implica dificuldades para alugar casa, impossibilidade de abertura de conta bancária, entre outras privações e incertezas (WALDMAN, 2016, p. 213).
4. Definição constante na Convenção de Genebra, Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951), da qual o Brasil é um país signatário.
5. O *ranking* 2018 do IDH, compilado pela Organização das Nações Unidas (ONU), traz o Senegal na 164ª posição, o equivalente a 26ª pior posição.
6. Bauman refere-se desse modo aos imigrantes e refugiados em seu livro publicado em 2017.
7. Em seu *site* <[www.ajclub.com](http://www.ajclub.com)>, acesso em: 8 mar. 2019, a AJ Club apresenta-se como um local onde todas as culturas e todos os ritmos são abraçados: “um lugar onde os brasileiros, latinos, africanos, europeus, asiáticos e o mundo inteiro se reúne, afinal todos têm algo em comum: a boa música”. Todavia, ao passar em frente ao local em janeiro de 2019, ele aparentava ter sido fechado permanentemente.
8. Durante a Copa do Mundo de 2018, também foi noticiado em diversos *sites* nacionais e internacionais que os torcedores do Senegal recolheram o lixo do estádio ao final dos jogos que

assistiram. Uma dessas notícias pode ser acessada no *site* do jornal *O Tempo*, “Não é coisa só do Japão: Senegaleses limpam estádio após vitória na Copa”. Disponível em: <[www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/não-é-coisa-só-do-japão-senegaleses-limpam-estádio-após-vitória-na-copa-1.1858592](http://www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/não-é-coisa-só-do-japão-senegaleses-limpam-estádio-após-vitória-na-copa-1.1858592)>. Acesso em: 4 jan. 2019.

---

## AUTOR

### WENDY VILLALOBOS

Bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e  
mestranda em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (USP) [wvillalobos@usp.br](mailto:wvillalobos@usp.br)